

A coesão sequencial em *A moça tecelã*: um breve estudo

Sequential cohesion in A moça tecelã: a brief study

Priscilla da Silva Santos¹

Resumo

O presente trabalho se propõe a verificar os elementos de coesão presentes no texto narrativo *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. O objetivo do artigo é analisar como as informações do texto se organizam e como a coesão sequencial age na construção de sentido do texto e na tessitura. Para tanto, foi feita uma análise qualitativa do texto, identificando os elementos de coesão sequencial presentes na narrativa e analisando-os à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Textual, sobretudo no que preconiza Koch (2004, 2007). Dessa análise, percebeu-se que o texto de literatura juvenil apresenta uma estrutura complexa no que diz respeito às estratégias coesivas, sendo uma ótima fonte de análise para o trabalho em sala de aula.

Palavras chave: Coesão sequencial. Coesão textual. Linguística textual.

Abstract

This study aims to verify the elements of cohesion present in the narrative *A moça tecelã*, written by Marina Colasanti. The purpose of the paper is to analyze how the information present on the text is organized, and how the sequential cohesion acts in the construction of the meaning of the text and in its texture. Therefore, it was performed a qualitative approach of the text, identifying the elements of sequential cohesion present in the narrative and analyzing them within the framework of Text Linguistics, particularly as proposed by Koch (2004, 2007). From this analysis, it was noted that the text of juvenile literature presents a complex structure with respect to strategies of cohesion, being a great source of analysis for the activities in the classroom.

Keywords: Sequential cohesion. Text linguistics. Text cohesion.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília. Mestre em Língua Portuguesa (2009) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do UniCEUB.

1 Introdução

Como é possível fazer com que um amontoado de palavras em uma folha de papel seja entendido como um texto? Que elementos fazem com que frases e parágrafos constituam uma unidade textual? Ao se buscar respostas para tais questionamentos, depara-se com dois recursos linguísticos fundamentais para que um texto seja considerado como tal: a coesão e a coerência. Ambas são objetos de investigação da Linguística Textual, que se preocupa em estudar o texto como um todo, visando descrever e explicitar como se procede a sua tessitura.

Os estudos em Linguística Textual são de grande relevância para o ensino de português como língua materna, pois um aluno preparado de forma a compreender os meandros de um texto é capaz de ler o mundo com maior amplitude do que aqueles que não têm tal capacidade.

Contudo, apesar dos avanços das pesquisas na área, o texto ainda é tratado nas escolas e nos materiais didáticos de forma superficial, sendo utilizado como pretexto para o ensino de gramática. Esse fato se reflete na qualidade dos textos produzidos pelos alunos e também no tipo de leitura que muitos realizam dos mais diversos tipos de textos com que lidam diariamente. Isso também provoca, na maioria dos estudantes, aversão ao ensino de língua portuguesa, pois não conseguem perceber a função de se estudar algo que já sabem desde antes de ingressarem na vida escolar.

Considerando essas questões em mente, o presente trabalho se propõe a verificar os elementos de coesão presentes em uma história da literatura infanto-juvenil, *A moça tecelã*, de Marina Colasanti (ver Anexo), cuja tipologia predominante é a narrativa.

Muitos são os recursos coesivos que podem ser utilizados em um texto, por isso, neste trabalho será abordado o tipo de coesão conhecido como coesão sequencial. O objetivo principal do artigo é verificar como se dá a relação entre frases e parágrafos na construção de sentido do texto analisado. Dentre os tipos de coesão sequencial, será dada especial atenção àquela que se realiza sem recorrência e por conexão (esses termos serão explicados no decorrer do artigo), por constituir um fértil campo de trabalho a ser feito com os alunos em sala de aula.

A pesquisa ora apresentada torna-se relevante à medida que pode contribuir para uma prática docente mais eficaz no que diz respeito à leitura e à produção textual em sala de aula, formando, assim, um leitor crítico proficiente em seu idioma materno. Para se alcançar esse resultado, é preciso que o professor de língua portuguesa, ou de leitura, seja não só um leitor atento, mas um hábil pesquisador do texto. É nesse aspecto que se vislumbra a contribuição das páginas que se seguem: fazer com que o professor aguçe seu olhar sobre as narrativas infanto-juvenis, percebendo a complexidade de sua estrutura e transformando-a em sua aliada na busca de um ensinar mais aprazível e significativo para o aluno.

2 Um pouco acerca dos estudos sobre o texto

Durante a década de 60, começou a se desenvolver, na Alemanha, um novo ramo da Linguística, que voltava o seu olhar não para a palavra ou para a frase, mas sim para o texto. Nascia assim a Linguística Textual, cuja hipótese de trabalho era “tomar o texto como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação [...] por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem”, como afirmam Fávero e Koch (2005, p. 11).

Uma questão controversa na nova área de pesquisa era definir o que os estudiosos considerariam como um texto, pois o conceito de texto sofreu diversas influências ao longo dos anos. No quadro abaixo, apresenta-se um resumo do que é definido como texto sob o olhar de algumas correntes teóricas:

Quadro 1 - O texto sob várias perspectivas teóricas

CONCEPÇÕES DE TEXTO	
Perspectiva teórica	O texto é entendido como
Gramatical	Frase complexa
Semiótica	Signo complexo
Semântica	Expansão temática de macroestruturas
Pragmática	Ato de fala complexo
Discursiva	Produto acabado de uma ação discursiva
Comunicativa	Realização da comunicação verbal
Significativa	Processo que mobiliza operações e processos cognitivos
Sociocognitiva interacional	Lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos

Fonte: Autora

Como se vê, muitas são as definições de texto. Neste artigo, será adotada a definição proposta por Koch e Travaglia (2007, p. 8) e, segundo a qual:

o texto será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor / ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão.

Pode-se considerar que o texto passar a ser considerado como uma unidade de comunicação foi um ponto fundamental na evolução dos estudos da Linguística Textual. Esse conceito tomou impulso com a adoção da perspectiva pragmática nos estudos sobre o texto, que passaria a considerar, em suas análises, elementos como a intenção comunicativa do autor do texto e o papel do interlocutor – “descobrir o para quê do texto”, como menciona Koch (2004, p. 15).

3 A coesão textual

Para que frases isoladas constituam uma unidade textual, é necessário haver algo que funcione como um elemento de ligação entre elas. Esse elo que contribui para a coesão textual são os elementos gramaticais conhecidos como conectivos. O tema em foco é um dos principais objetos de estudo da Linguística Textual e possui uma relevância ímpar para as pesquisas sobre o texto, fazendo com que muitos estudiosos se dediquem ao seu estudo.

Halliday e Hasan (1976) desenvolveram um importante estudo sobre a coesão, que serve de base para um grande número de pesquisas sobre tal temática e consideram que

a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente de outro. Um pressupõe o outro no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado, a não ser por recurso ao outro (HALLIDAY; HASAN 1976, apud KOCH, 2007, p. 16).

Os autores consideram a coesão como parte do sistema de uma língua e que pode ser realizada por meio da gramática ou do léxico.

Para Marcuschi (1983 apud KOCH, 2007, p. 16), os fatores de coesão são “aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto”. Já Koch (2004, p. 35) considera que coesão é

a forma como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um “tecido” (textura), uma unidade de nível superior à frase, que dela difere qualitativamente.

Vale ressaltar, ainda segundo Koch (2007, p. 46), que a coesão “não está no texto, mas sim se constrói a partir dele numa situação interativa”.

Há duas grandes modalidades de coesão textual: a coesão referencial e a coesão sequencial. Conforme Koch (2007, p. 31), na primeira modalidade de coesão textual, a coesão referencial, “um componente da superfície do texto faz referência a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”. Vale mencionar também que, ainda segundo a autora, “o referente é algo que se (re)constrói textualmente”.

Já na segunda modalidade de coesão textual, a coesão sequencial, estudam-se os procedimentos lingüísticos

por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático - discursivas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 2004, p. 39).

Na língua há uma vasta quantidade de mecanismos de sequenciação e alguns deles serão apresentados e comentados neste trabalho, tendo como base o já mencionado conto da literatura infanto-juvenil.

Antes de passarmos à análise propriamente dita, vale a pena tratar um pouco da estrutura do texto narrativo, tendo em vista que o texto que serve de base a este trabalho se caracteriza pela predominância da tipologia textual narrativa. Segundo Santos (2003, p. 34), a narrativa possui uma estrutura própria caracterizada por se dividir em três momentos: “uma situação inicial, geralmente de equilíbrio, seguida de ações adversas que geram conflito e instigam a um fazer transformador que consiga restaurar o equilíbrio no final”. A autora ainda menciona que “entre esses três momentos surgem episódios e eventos que se alternam e combinam, compondo o conjunto narrativo”.

4 A sequenciação em *A moça tecelã*

O objetivo da coesão sequencial, como já mencionado, é estabelecer um fio condutor, um elo, entre as partes de um texto, na medida em que ele progride. Segundo Koch (2007, p. 53), “a progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes”. A progres-

são textual que se faz sem procedimento de recorrência pode ser chamada de frástica, já a progressão textual que se faz com recorrência é denominada de parafrástica. No texto de literatura infantil que constitui o corpus do presente trabalho pôde-se observar a presença de ambos os tipos de coesão.

4.1 Coesão sequencial parafrástica

4.1.1 Recorrência de tempo verbal

Em uma narrativa, os tempos verbais possibilitam a visualização de dois planos: um primeiro plano das ações e um segundo plano do cenário. Pode-se considerar o pretérito perfeito como o tempo que marca o primeiro plano, ao passo que o pretérito imperfeito é tempo característico do segundo plano.

Em (1), a autora de *A moça tecelã* utilizou somente tempos do imperfeito, compondo o cenário da história². Os verbos usados não remetem a possíveis ações de personagens, mas descrevem o contexto em que elas ocorrerão. Funcionam como uma apresentação da história para o leitor, bem como uma preparação para os fatos subsequentes.

(1) Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio bri-gavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. (grifos nossos).

Quando o uso dos verbos no imperfeito é interrompido, há uma mudança de plano na narrativa. Com o uso dos verbos no pretérito perfeito, iniciam-se as ações dos personagens, como é possível verificar em (2):

(2) Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio do ponto dos sapatos, quando bateram à porta. (grifos nossos).

Outra mudança de uso do tempo verbal é observada em (3), na fala dos personagens. Nesse caso, se usa o presente do indicativo, fazendo com que se altere a atitude comunicativa do texto, que sai do mundo narrado (caracterizado pelo pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples, pretérito mais-que-perfeito e o futuro do pretérito) e passa para o mundo comentado (caracterizado pelo presente, pretérito perfeito e futuro de presente):

(3) Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. (grifo nosso).

4.1.2 Recorrência de termos

Esse tipo de coesão sequencial se dá quando há a repetição de um mesmo item lexical. Vale ressaltar que essa repetição não é mera cópia de um termo, pois, como argumentam Koch e Elias (2007, p. 153), “não existe jamais uma identidade total entre os elementos recorrentes, ou seja, a sua reiteração traz consigo o acréscimo de novas instruções de sentido”. Esse fato pode ser observado em (4):

(4) Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

[...]

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

[...]

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira. (grifos nossos).

Nos trechos destacados acima, observa-se que cada repetição agrega um sentido ao texto como um todo. A repetição em *hora a hora* traz consigo a ideia de que cada hora do dia ia sendo tecida cuidadosamente, lentamente, indicando o cuidado com que o bordado ia sendo

² Todos os exemplos citados ao longo do artigo foram extraídos do conto *A moça tecelã*, que aparece no Anexo a este trabalho.

feito. Já *tecendo e tecendo* transmite a ideia de duração contínua, em processo, da ação de tecer, indicada também na forma nominal do verbo (no caso, o gerúndio). Por fim, em *dias e dias* observa-se um tom de lentidão na passagem do tempo, de enfado, de repetição das ações.

4.1.3 Recorrência de estruturas: paralelismo sintático

Koch e Elias (2007, p. 153) afirmam que a utilização de uma mesma estrutura sintática preenchida com itens lexicais diferentes é também um recurso para a construção da progressão textual, a qual pode ser observada em (5):

(5) Tecer era tudo o que queria. Tecer era tudo o que queria fazer.

O trecho possui um ritmo, uma similitude, e funciona, no texto, como um refrão que antecede mudanças no curso narrativo. A primeira ocorrência desse trecho anuncia a conscientização da personagem sobre sua vida solitária e o seu posterior desejo de dividi-la com outra pessoa, no caso, com um marido. Depois desse momento, a moça tece um companheiro que muda a sua vida. A segunda ocorrência do refrão anuncia a percepção, por parte da tecelã, de que ela, ao desejar e tecer um marido, teceu também sua infelicidade. Isso marca a segunda mudança de ação na narrativa. A partir daí, ela desfaz tudo o que tinha feito e retoma sua antiga rotina, solitária, porém feliz.

4.1.4 Recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou suprasegmentais

A recorrência de recursos fonológicos se dá pela existência de uma invariante fonológica, como igualdade de metro, ritmo, rima, assonâncias, aliterações etc. É o que se pode observar em (6), em que se tem uma série de substantivos qualificados por palavras terminadas em *ado*, o que confere sonoridade ao texto. O mesmo ocorre em *tecia* e *entristecia*, em que a invariante fonológica é *tecia*:

(6) Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu *emplumado*, rosto *barbado*, corpo *aprumado*, sapato *engraxado*. Estava justamente acabando de entremear o último fio do ponto dos sapatos, quando bateram à porta.

[...]

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e sa-

las e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. *Tecia* e *entristecia*, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira. (grifos nossos)

5 Coesão sequencial frástica

5.1 Manutenção temática

Um dos requisitos indispensáveis para a coerência de um texto é a manutenção do seu tema. Isso constitui um dos elementos de coesão e se garante mediante o uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical, como afirmam Koch e Elias (2007, p. 159). Ainda segundo as autoras, o texto narrativo possui um eixo temático central que rege as escolhas lexicais de seu autor, levando o leitor a ativar um *frame* em sua memória, a partir do qual os demais elementos serão interpretados.

No texto *A moça tecelã*, a seleção vocabular ativa um *frame* referente aos contos de fadas, e isso pode ser observado em palavras como *criados*, *palácio* e *torre*. Por conta disso, o leitor começa a imaginar a moça tecelã como uma princesa frágil que se casa com o príncipe encantado, que logo se transforma no vilão. Só que, em momento algum, a autora utiliza o termo *príncipe encantado* para se referir ao personagem masculino nem *princesa* para a personagem feminina, o que confirma a teoria de Koch e Elias (2007), segundo a qual, uma vez ativado o *frame*, os demais elementos linguísticos são interpretados dentro desse quadro.

5.2 Encadeamento

Por meio desse recurso coesivo é possível relacionar semântica e/ou discursivamente orações, enunciados ou sequências maiores. Koch e Elias (2007, p. 166) o definem como “inter-relacionamento de enunciados sucessivos, com ou sem elementos explícitos de ligação”. Aos encadeamentos relacionados por elementos explícitos de ligação dá-se o nome de encadeamento por conexão, já o outro tipo de conexão que se faz sem tais elementos explícitos dá-se o nome de encadeamento por justaposição.

No corpus foi possível encontrar exemplos dos dois tipos de encadeamento (justaposição e conexão), contudo, neste trabalho serão abordados apenas os casos de encadeamento por conexão.

5.2.1 A macroestrutura do texto analisado

Antes de começar a análise da ocorrência de encadeamentos por conexão em *A moça tecelã*, vale fazer alguns comentários sobre a sua estruturação. O texto é composto por vinte e cinco parágrafos curtos que podem ser agrupados em três blocos de ação, delimitados pelo refrão *Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer*. Cada parágrafo possui um ritmo a depender da informação nele contida, e, para isso, são usados vários recursos linguísticos construtores da coesão e de coerência textuais, alguns dos quais já abordados. É importante ressaltar que a conexão entre parágrafos é fundamental para a tessitura e para a construção de sentido do texto. É esse recurso coesivo que será abordado na seção seguinte.

5.2.2 O encadeamento por conexão em *A moça tecelã*

Santos (2003) empreendeu estudos sobre a coordenação em textos infanto-juvenis, com enfoque no uso de quatro articuladores textuais: *e, mas, então, aí*. A autora observou que os articuladores textuais (elementos de sequenciação aqui enfocados) eram repetidos com frequência no decorrer das narrativas infantis e juvenis. Isso também foi verificado no corpus aqui analisado: nele ocorreram vinte e cinco elementos considerados como articuladores textuais, sendo que 56% das ocorrências (de um total de vinte e cinco) foram do articulador *e*.

Santos (2003) apresentou uma classificação dos articuladores segundo a qual suas funções discursivas foram divididas em macrofunção (que se refere ao papel dos articuladores) e subfunções (subdivisões das macrofunções textuais discursivas). A autora ainda classificou os articuladores quanto ao segmento discursivo e propôs quatro divisões (início de turno de fala, meio de turno de fala, meio de parágrafos, início de parágrafos).

Para a análise dos dados, usaremos a classificação dos articuladores textuais proposta por Santos (2003). A exposição dos dados será feita apresentando o articulador usado e a função por ele desempenhada no texto. Primeiro serão apresentados os dados em que se estabelecem relações de cunho discursivo-argumentativo e, depois, aqueles em que se estabelecem relações de cunho lógico-semântico. Nestes se observa a relação entre elementos de um mesmo segmento, frase, sendo de natureza intrafrástica, enquanto que naqueles há a relação entre segmentos, ou frases, distintos, sendo de natureza interfrástica. Tal definição, bastante simplista ante a complexidade da

questão, é o suficiente, no momento, para a compreensão dos resultados.

5.2.2.1 Articuladores de cunho discursivo-argumentativo

5.2.2.1.1 Articulador *E*

5.2.2.1.1.1 Macrofunção progressão da narrativa: subfunção adição

Pode-se considerar o articulador *e* como marca de adição quando une dois acontecimentos simultâneos, sem progressão temporal, atuando, assim, na progressão da narrativa. Uma de suas características é que os elementos podem ser intercambiáveis entre si sem prejuízo do significado que expressam, como afirma Tavares (1999 apud SANTOS, 2003, p. 43).

No corpus pôde-se observar uma ocorrência de tal subfunção em (7):

(7) Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos! (grifo nosso)

No exemplo acima, observamos a fala de um dos personagens. Ele dá uma ordem, indireta, sobre o que deve ser feito (*Faltam as estrebarias*) e, em seguida, acrescenta mais um item à sua ordem (*E não se esqueça dos cavalos!*). Não há progressão temporal entre os dois eventos, e sim um acréscimo de informação. Para comprovar o efeito aditivo do articulador textual em questão pode-se alterar a ordem dos elementos e não se perde o sentido original.

5.2.2.1.1.2 Macrofunção progressão da narrativa: subfunção sequenciação temporal

Outra possibilidade de função que o articulador *e* pode exercer na progressão da narrativa está relacionada às ações organizadas cronologicamente. Quando *e* atua na sequenciação temporal, não é possível a intercambiabilidade entre os termos, sob pena de alterar a ordem dos eventos do texto e prejudicar sua coerência. Segundo Santos (2003, p. 45, grifos da autora citada),

o valor temporal encontra-se no étimo do articulador *e*: Neves (1984: 83), embora esse significado temporal tenha se perdido, “se liga perfeitamente ao valor dessa ordenação em sequência”. Além disso, uma das características do articulador e com função de **progressão da narrativa** e subfunção de **sequenciação temporal** é a sua possibilidade de intercâmbio com o articulador *aí*, que carrega a marca temporal com muita força.

No texto analisado, essa subfunção mostrou-se bastante produtiva, aparecendo em 50% das ocorrências

(de um total de quatorze) do articulador textual em estudo. O trecho apresentado em (8) mostra uma das ocorrências de *e* agindo na sequenciação temporal:

(8) Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. (grifo nosso)

Esse trecho corresponde à primeira frase de *A moça tecelã*, onde o narrador apresenta a personagem título e sua rotina, começa contando o momento do dia em que a tecelã acorda e o que faz logo em seguida. Note que, se os eventos forem invertidos, a construção do sentido será prejudicada, pois não é possível sentar-se ao tear antes de acordar (é possível no mundo dos sonhos, o que não é o caso no texto). No entanto, é possível substituir *e* por *aí* sem prejuízo de sentido: primeiramente a personagem acordava logo cedo e *aí* logo sentava-se ao tear.

5.2.2.1.1.3 Macrofunção progressão da narrativa: subfunção causa/efeito

Outra possibilidade é o articulador *e* desempenhar a subfunção de causa/efeito (relacionando uma ação à sua consequência ou ao seu efeito). No corpus, essa subfunção mostrou-se bastante recorrente e pode ser observada em (9):

(9) Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. (grifo nosso).

No trecho, a tecelã faz uma ação — destecer tudo o que ela tinha tecido — e o efeito desse ato é que ela se vê novamente sozinha em sua casa e sorri, indicando que a felicidade voltou para sua vida.

5.2.2.1.1.4 Macrofunção progressão da narrativa: subfunção conclusão/finalização

A última subfunção encontrada no corpus para o articulador *e* é a que Santos (2003, p. 47) chama de conclusão/finalização³. Esse uso do *e* é apresentado abaixo:

(10) Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que

o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lâ cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. (grifo nosso)

Nesse exemplo, pode-se observar que o *e* encerra uma série de ações descritas e, no texto, funciona como a finalização de uma fase, do primeiro bloco de ação da narrativa. Após o trecho em questão, aparece o refrão, que anuncia mudança de rumo da narrativa, e a fase inicial, em que a vida da moça tecelã, que era solitária e tranquila, é abalada pela chegada de outro personagem. Contudo, tais ações acontecerão após a frase, entendida aqui como finalizadora do primeiro momento da narrativa: *E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.*

5.2.2.1.2 Articulador MAS

5.2.2.1.2.1 Macrofunção progressão da narrativa: subfunção sequenciação temporal

Nem sempre *mas* estabelece uma relação de contrajunção com o enunciado anterior, como rezam as gramáticas tradicionais. Ele pode atuar na progressão da narrativa e indicar progressão temporal. Geralmente, nesses casos, pode-se substituir *mas* por *aí*, como ocorre com o articulador *e*, visto anteriormente.

Em (11) pode-se observar que a função textual do articulador *mas* está relacionada à sequenciação dos fatos da narrativa.

(11) Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. (grifo nosso)

No exemplo acima, primeiro há a descrição da chegada da chuva se o sol estivesse muito forte e, caso o tempo esfriasse além do desejado pela tecelã, ela teceria novamente o sol para acalmar a natureza. Pensando na estratégia usada com o articulador textual *e* quanto à não-intercambialidade dos termos coordenados, também não é possível, nesse caso, pensar na sua alteração sem o comprometimento da coerência.

³ Segundo a autora, apesar de conclusão e finalização se referirem a processos distintos, ela justifica tal escolha por não ter havido em seus dados a ocorrência da conclusão, já que essa é típica da argumentação, enquanto que a finalização ocorre em momentos propriamente descritivos e narrativos.

Ainda pensando em confirmar a compreensão do *mas* presente em (11) como item que desempenha a subfunção de progressão temporal, pode-se substituí-lo por *aí*. Dessa forma teríamos: *Aí se durante muitos dias o vento e o frio [...]*, uma sentença possível e que não compromete a construção de sentido.

5.2.2.1.2.2 Macrofunção contrajunção: subfunção quebra da expectativa

Em (12), *mas* realiza uma relação de quebra da expectativa criada no parágrafo anterior.

(12) – Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata. (grifo nosso)

Esperava-se que, com a casa pronta, a moça tecelã finalmente seria feliz ao lado do marido que ela teceu e a quem se esforçava para agradecer. No entanto, isso não acontece, pois o marido quer sempre mais e lhe pede para construir um palácio. Dessa forma, *mas* serve como um elo estrutural entre os parágrafos, e a quebra da expectativa garante a continuidade da narrativa.

Vale observar que não há elementos linguísticos no texto que garantam que o marido da tecelã ficaria satisfeito com o término da casa. Contudo, é um pressuposto que, quando um pedido é atendido, a pessoa que o fez fica satisfeita. Dessa forma, vale atentar para o fato de que a quebra de expectativa está intimamente relacionada com o conhecimento de mundo do leitor e do pressuposto que há no enunciado.

5.2.2.1.2.3 Macrofunção contrajunção: subfunção ressalva

Pode-se também observar *mas* sendo usado como ressalva. Nesse caso, há uma retomada do segmento anterior, seguido de uma restrição para que seja considerado como verdade. É o que vemos no exemplo a seguir:

(13) Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar. (grifo nosso)

Em (13) há a retomada do parágrafo anterior em que a moça sonhava, no ombro do marido, com os filhos que teriam a fim de aumentar ainda mais a sua felicidade, para apontar, logo em seguida, para uma restrição que impede a realização do sonho: *Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu*.

5.2.2.1.3 Articulador ENTÃO

5.2.2.1.3.1 Macrofunção progressão da narrativa: subfunção causa/efeito

O articulador *então* teve apenas uma ocorrência no corpus, que é ilustrada pelo exemplo (14):

(14) A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apertado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte. (grifo nosso)

Nesse exemplo, o articulador estabeleceu entre os parágrafos uma relação de causa/efeito. No parágrafo que antecede *então*, há uma série de ações que a moça tecelã realiza para desfazer o marido que ela mesma desejou, concretizou através de seu tear e que tanta tristeza lhe trouxe. Os efeitos de tais ações são apresentados no parágrafo iniciado por *então*. A personagem retoma a direção de seu tear, conseqüentemente de sua vida, e tem sua felicidade de volta. O equilíbrio apresentado no primeiro parágrafo é retomado, fazendo com que o texto apresente um movimento cíclico.

5.2.2.2 Articuladores de cunho lógico-semântico⁴

5.2.2.2.1 Articulador SE

Há duas ocorrências do conectivo *se* no corpus e, em ambas, há uma relação de condição, conforme se vê em (15):

(15) Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira gros-

⁴ Para as relações lógico-semânticas não serão usados os conectivos de macrofunção e subfunção, utilizados na exposição dos dados dos elementos enquadrados na relação discursivo-argumentativa.

... sos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. (grifo nosso)

Pode-se notar que, em (15), *se*, em início de parágrafo, realiza a ligação com o parágrafo anterior. Vale observar que se trata de uma inversão sintática, na qual a oração subordinada aparece antes da principal, iniciando a frase e também o parágrafo. Assim, a rotina da moça tecelã vai sendo descrita, mostrando a relação de seu bordado com a natureza que a circunda: com linhas de cores vivas e quentes, ela faz um dia ensolarado, e, se ficar quente demais a ponto de as pétalas das flores começarem a cair, ela borda, com uma lã de fios felpudos, a chuva para refrescar o dia.

5.2.2.2.2 Articulador DEPOIS

Em (16), o parágrafo é iniciado pelo conectivo *depois*, que estabelece uma relação de tempo com a ação apresentada pelo parágrafo anterior.

(16) Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.” (grifo nosso)

Há, no trecho acima, dois momentos: o primeiro, que marca a tessitura das horas iniciais da manhã, e o segundo, que mostra a progressão temporal do dia e do bordado feito no longo tapete.

5.2.2.2.3 Articulador PORQUE

Há uma ocorrência do conectivo causal *porque*, que pode ser vista em (17):

(17) E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar. (grifo nosso)

A frase iniciada pelo conectivo em estudo apresenta a razão por trás do fato de o homem ter-se esquecido de pensar nos filhos que a tecelã queria: a descoberta do poder do tear. Sendo assim, fica clara a relação de causa estabelecida por *porque*. A relação de sentido se realiza com a frase anterior (e não com o parágrafo anterior), já que tal conectivo se encontra no interior do parágrafo.

6 Concluindo

Os resultados da pesquisa aqui apresentada puderam mostrar a importância dos estudos acerca da Linguística Textual, mais especificamente sobre a coesão sequencial. A tessitura do texto, como já foi dito, é realizada por meio das relações estabelecidas entre suas partes. Compreender tais relações nem sempre é tarefa fácil.

Nos bancos escolares, os alunos ainda são ensinados com base na gramática tradicional, em que se fala, entre outras coisas, que *e* é uma conjunção aditiva. Consequentemente, o aluno tende a considerar, em todos os textos, o *e* como um termo aditivo. Dessa forma, como ele pode perceber que esse mesmo *e* pode desempenhar um papel de sequenciação temporal?

Ao estudante também é ensinado que não se podem repetir termos em uma redação. No entanto, ao ler um texto de literatura juvenil, ele se depara com um *tecendo e tecendo*. Seria mais uma licença poética, ou literária, concedida ao autor do texto (justificativa em geral utilizada para usos linguísticos que, por vezes, o professor não consegue explicar)?

É preciso repensar a abordagem do texto em sala de aula, modificar a tradicional prática de se ensinar conexão textual via orações subordinadas, geralmente abordadas com frases soltas. É preciso ensinar o aluno a tecer o texto, com retomadas, repetições e conexões; ensiná-lo a fazer com as palavras o mesmo que a moça tecelã fazia com as linhas.

Os dados analisados apontaram para uma estrutura requintada no texto de literatura juvenil, tipo de texto que, por vezes, é subutilizado pelos professores em sala de aula. Ao conduzir o aluno a uma leitura mais cuidadosa, atentando para os efeitos causados pelas repetições de termos, pelo uso de articuladores textuais, entre outros recursos coesivos, está-se ensinando a língua como ela é usada e, assim, contribuindo para a formação de um produtor de textos competente e um leitor crítico e capaz de perceber a fina articulação de um texto.

Não se propõe aqui um ensino com base nos termos empregados na análise dos dados (macrofunção, subfunção, sequenciação com ou sem recorrência), pois eles devem ser conhecimento do professor, mas sim mostrar aos alunos as inúmeras possibilidades de construção do sentido de um texto. E também mostrar aos alunos,

sobretudo os do Ensino Médio, em que constitui a coesão textual, seus princípios e estratégias, para evitar a expressão de interrogação nos seus rostos quando recebem uma redação corrigida e se deparam com a seguinte advertência: erro de coesão.

Mais do que apresentar a complexidade linguística e estrutural de um texto da literatura juvenil (as inúmeras possibilidades para se garantir a coesão sequencial), objetivou-se aqui motivar uma reflexão por parte do profissional da educação sobre sua prática profissional. Por mais que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incentivem um ensino de língua portuguesa que se baseie no trabalho com textos diversos e por maiores que tenham sido os avanços nos estudos da Linguística Textual, ainda se verifica um ensino tradicional, que faz uso de elementos linguísticos descontextualizados e mais centrado na descrição que no uso real da língua. Como consequência, observa-se, já em bancos universitários, alunos com grandes dificuldades para fazer uma leitura crítica e aprofundada, além de não conseguirem produzir textos de qualidade, compatíveis com os anos de estudos sobre sua língua materna. A realidade do ensino de língua portuguesa é que se formam alunos que sabem sobre a língua portuguesa, mas desconhecem como usá-la com sua ampla gama de possibilidades.

Referências

- COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. São Paulo: Global, 2004.
- FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual: uma introdução*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- HALLIDAY, Michael. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, Ingedore G. V. *A Coesão textual*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- NEVES, Maria Helena de M. O coordenador interfrasal *mas* – invariâncias e variantes. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística do texto: o que é, como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- SANTOS, Leonor W. dos. *Articulação textual na literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. 1999. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

ANEXO

A moça tecelã

Maria Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio do ponto dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu:

– Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E des-

calça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebrias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.